

Artigo original

A SINTAXE DAS ORAÇÕES RELATIVAS NÃO SEGMENTAIS EM CINYANJA

Mário Biriante 

Faculdade de Letras, Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Púnguè, Moçambique

RESUMO: A presente pesquisa apresenta uma proposta de análise das orações relativas não segmentais em Cinyanja, uma língua do grupo Bantu (N31). Os dados analisados foram seleccionados pelo autor, fazendo intervir a competência linguística de falante nativo da língua. Antes da análise, as frases foram também submetidas a outros falantes e professores da língua para a certificação da sua gramaticalidade e aceitabilidade. Em Cinyanja, para além dos recursos segmentais, que envolvem o marcador *–mene* e o sufixo relativo *–o*, colocado à direita da última palavra da oração, as orações relativas podem também ser formadas com recurso ao tom alto (com ou sem o sufixo relativo *–o*). Nesta última estratégia de relativização, o sujeito aparece obrigatoriamente em posição pós-verbal. Assim, as relativas não segmentais são analisadas como estruturas em que C+wh tem um estatuto idêntico ao dos marcadores relativos clíticos que aparecem incorporados na estrutura do complexo verbal em outras línguas Bantu (Demuth e Harford, 1999), que tipicamente desencadeiam a inversão do sujeito. Como o marcador relativo é um elemento sem matriz fonológica, comporta-se como uma forma clítica e deve afixar-se a T. Assumindo o modelo da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993), defende-se que a afixação de C a T se dá no nível pós-sintático da gramática, sob adjacência. O sujeito permanece *in situ*, em Spec-VP, obtendo-se os mesmos padrões de ordem de palavras das frases simples com sujeito em posição pós-verbal, nomeadamente VOS ou, na presença da marca de concordância com o objecto, VSO.

Palavras-chave: Cinyanja, relativização não segmental, sintaxe.

THE SYNTAX OF NON-SEGMENTAL RELATIVE CLAUSES IN CINYANJA

ABSTRACT: The present research presents a proposal for analyzing non-segmental relative clauses in Cinyanja, a language from the Bantu group (N31). The data analysed were selected by the author, using the linguistic competence of native speakers of the language. Before analysis, the sentences were also submitted to other speakers and teachers of the language to check their grammaticality and acceptability. In Cinyanja, in addition to segmental resources, which involve the marker *–mene* and the relative suffix *–o*, placed to the right of the last word of the sentence, relative sentences can also be formed using a high tone (with or without the relative suffix *–o*). In this last relativisation strategy, the subject necessarily appears in a post-verbal position. Thus, non-segmental relative markers are analysed as structures in which C+wh has a status identical to that of clitic relative markers that appear incorporated into the structure of the verbal complex in other Bantu languages (DEMUTH and HARFORD, 1999), which typically trigger the subject's inversion. As the relative marker is an element without a phonological matrix, it behaves like a clitic form and must be affixed to T. Assuming the Distributed Morphology model (Halle and Marantz, 1993), it is argued that the affixation of C to T It occurs at the post-syntactic level of grammar, under adjacency. The subject remains *in situ*, in Spec-VP, obtaining the same word order patterns as simple sentences with the subject in post-verbal position, namely VOS or, in the presence of the agreement mark with the object, VSO.

Keywords: Cinyanja, non-segmental relativization, syntax.

Correspondência para: (correspondence to:) b4mario@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo discute a sintaxe das orações relativas não segmentais /suprasegmentais em Cinyanja (N31), segundo a classificação de Guthrie (1967-71), uma estratégia particular de relativização nesta língua, na qual, em relativas de objecto, se opera a inversão obrigatória do sujeito. O objectivo é de apresentar uma nova proposta de análise deste tipo de construções.

A inversão de sujeito ou sujeitos pós-verbais tem sido um tópico de importante interesse teórico e de debates controversos ao longo dos tempos, desde os primeiros trabalhos sobre inacusatividade (por exemplo, PERLMUTTER 1978, CHOMSKY 1981, RIZZI 1982, BURZIO 1986, BELLETTI 1990).

As orações relativas nas línguas Bantu podem ser formadas com recurso a morfemas segmentais ou tendo o tom como única marca de relativização (estratégia não segmental/suprasegmental). Na estratégia segmental de formação de orações relativas, é possível identificar dois grupos de línguas. Por um lado, estão as línguas que codificam as orações relativas através de um morfema fonologicamente independente e, por outro lado, as línguas cujos marcadores são unidades subnominais (i.e. clíticos) que ocorrem na estrutura do verbo.

Nas orações relativas segmentais cujo marcador relativo é um elemento fonologicamente independente, geralmente, a ordem de palavras SVO é mantida, como acontece em Ciwandya e Sotho Sul. Observem-se os exemplos em (1).

(1)

Ciwandya (MTENJE, 2011, p. 128).

a.	u-kaláta	<i>Yó</i>	u-m`mányisi	a	-ka	-weléeng	-a	yi-ka-me-nena
	5carta	5REL	1professor	1SUBJ	-PST	-ler	-VF	9-PST-1OBJ-falar
	i-nfúumu							
	9régulo							

‘A carta que o Professor leu criticava o régulo’

Sotho Sul (Zeller, 2004)

b.	Badisāna	<i>Ba</i>	mosetsana	a	-ba	-tseba	-go
	2pastor	2REL	1menina	1SUB	-2OBJ	conhecer	-SR

‘os pastores que a rapariga conhece’

Tal como os exemplos ilustram, o marcador relativo fonologicamente independente ocorre imediatamente a seguir ao antecedente nas línguas Bantu (relativas pós-nominais). O marcador relativo pode ser uma marca invariável ou variável. Nos contextos acima, pode-se constatar que o marcador relativo em Ciwandya (cf. 1a) é o morfema *-o* (invariável) ao qual se afixam os morfemas de concordância com o antecedente. Mas, em Sotho Sul (cf. 1b), o marcador relativo varia de acordo com a classe do antecedente. Os marcadores relativos segmentais podem coocorrer com sufixos relativos (SR), que são marcas que se podem afixar ao verbo (como sufixos), tal como acontece em Sotho Sul (cf. 1b) ou ocorrer na fonteira prosódica da oração relativa.

As orações relativas cujos marcadores relativos são clíticos apresentam, geralmente, diferentes tipos de estruturas nas línguas Bantu. A estrutura que na literatura tem sido considerada como canónica nestas línguas (cf. DEMUTH e HARFORD, 1999; ZELLER, 2004; HENDERSON, 2006/7; LETSHOLO, 2009) é a manifestada em línguas como o Shona e Swahili,

em que, quando o marcador relativo é um clítico, há inversão de sujeito. Por conseguinte, a ordem de palavras é VS, tal como ilustram os exemplos em (2) e (3), respectivamente.

(2) Shona (DEMUTH e HARFORD, 1999 apud LETSHOLO, 2009, p. 132)

mbatya	Dza	-va	-kason	-er	-a	vakadzi	mwenga
1roupa	10REL	-2SUBJ	-cozer	APPL	-VF	2mulher	2noiva

'as roupas que as mulheres coseram para a noiva'

(3) Swahili (NDOMBA, 2020)

a. watoto	A	-li	-o	-wa	-pend	-a	mwaliimu
2criança	1SUBJ	-PST	-2REL	-3PL.OBJ	-amar	-VF	1professor

'as crianças que o professor amou'

b. watoto	A	-wa	-pend	-a	-o	mwaliimu
2crianças	1SUBJ	-3PL.OBJ-Habt	-amar	-VF	-2REL	1professor

'as crianças que o professor ama'

Quando o marcador relativo é uma unidade subnominal, ele ocorre como um clítico na estrutura do verbo. Contudo, a posição do marcador relativo pode variar conforme a língua ou o contexto. Tanto pode ocorrer como prefixo inicial na estrutura da forma verbal (cf. 2) ou logo a seguir às marcas de sujeito e de tempo, ou ainda como sufixo verbal (cf. 3a e 3b, respectivamente). Contudo, em ambos os casos, o sujeito encontra-se na posição pós-verbal (cf. *vakazi*, 'mulheres', em 2, e *mwaliimu* 'professor', em 3a e 3b, respectivamente).

As línguas Bantu que usam a estratégia não segmental/suprasegmental (tonal) de formação de orações relativas podem também ser classificadas em dois grupos, nomeadamente: (i) as que usam o tom alto como marca de relativização (cf. 4) e (ii) as que usam o tom baixo como marca de relativização (cf. 5). Regra geral, tal como acontece com os marcadores clíticos, quando o marcador for um tom (alto ou baixo), há inversão de sujeito, tal como ilustram os exemplos em (4) e (5), respectivamente.

(4) Lunda (KAWASHA, 2002, p. 55)

a. Womba	W	-a	-let	-a	Chúma
1womba	1SUJ	-PST	-trazer	-VF	7coisa

'Womba trouxe uma coisa'

b. Chúma	chá	-let	-a	Womba
7coisa	7OBJ.PST	-trazer	-VF	1womba

'a coisa que Womba trouxe'

(5) Ikalanga (LETSHOLO, 2009, p. 140)

a. Nlúmé	wá	-ká	-ízel	-a
1homem	1SUJ	-ASP	-dormir	-VF

'O homem está dormindo'

b. Nlúmé	wà	-ká	-ízel	-a
1homem	1SUJ	-ASP	-dormir	-VF

'o homem que está dormindo'

c. *lori	Yá	-á	-ká	-teng	-a	yá	-ká	-míla
9carro	9OBJ	-1SUJ	-ASP	-comprar	-VF	9OBJ	-PST	perdido

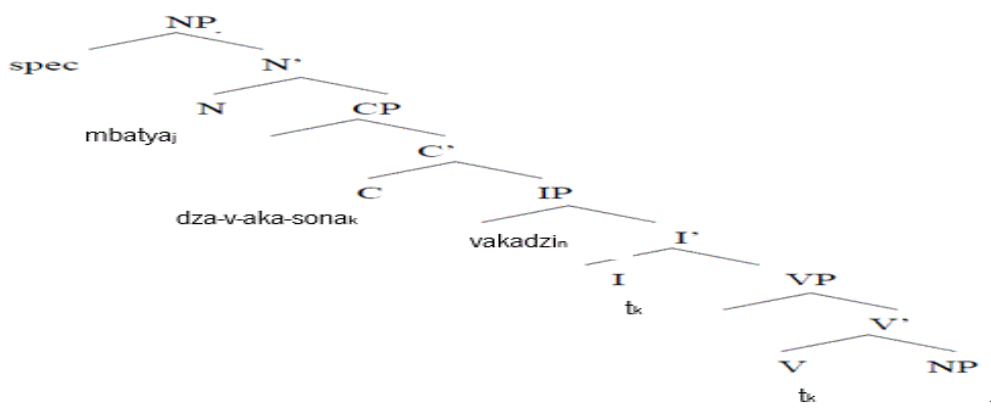
'O carro que ele comprou está perdido'

Os exemplos em (4), (5) demonstram diferentes fenómenos decorrentes do emprego da estratégia não segmental na formação de orações relativas nas línguas Bantu. No exemplo em (4b), do Lunda, a relativização do objecto é codificada através da presença do tom alto na marca que

com ele concorda na estrutura do verbo. Um fenómeno oposto a este é o que acontece em Ikalanga (cf. 5). Nesta língua, a presença do tom alto na marca de concordância com o sujeito (cf. 5a) faz com que a frase tenha uma interpretação não relativa. Contudo, o contraste do tom alto para o tom baixo (cf. 5b) marca a relativização, pois, nesta língua, um morfema de concordância relativa não pode ter um tom alto (o que justifica a agramaticalidade de 5c). Por outro lado, a oração em (4) mostra que, em Lunda, quando a estratégia tonal é usada para a formação de relativas de objecto, há inversão de sujeito.

Sobre este fenómeno, Demuth e Harford's, (1999) argumentam que, nas construções em que o marcador relativo é um clítico, ou um tom, o verbo é movido de I para C, deixando o sujeito em Spec-IP. A deslocação do verbo para C resulta na aparente inversão sujeito-verbo. O resultado desta operação é o diagrama que se apresenta em (6) que é a representação da oração em (2).

(6) Inversão de sujeito



Portanto, conforme as autoras, o verbo opera dois movimentos, o primeiro, de V para I e, o segundo, de I para C. Assim, a inversão sujeito-verbo na estrutura de superfície é aparente porque o sujeito gramatical continua ocupando a sua posição canónica, em Spec-IP.

De acordo com McCarthy e Prince (1991), a subida do verbo surge para resolver o problema de boa formação dos itens lexicais, no contexto em que os marcadores relativos são enclíticos, pelo facto de serem monossilábicos, pois uma palavra prosódica deve consistir, no mínimo, em duas sílabas.

Assim, no presente artigo, com base no modelo do núcleo externo, examina-se a análise de Demuth e Harford's, (1999) e, assumindo o modelo da Morfologia Distribuída (HALLE e MARANTZ, 1993), apresenta-se uma nova proposta de análise de orações relativas não segmentais.

O Cinyanja (N31), segundo a classificação de Guthrie (1967), é uma língua que pertence ao grupo das línguas Bantu falada em Moçambique, maioritariamente nas Províncias do Niassa (Distritos do Lago, Mecanheles e Mandimba); Tete (Distritos de Angónia, Macanga, Zumbo, Tsangano e Moatize) e Zambézia (no distrito de Milange), bem como nalguns países vizinhos, como são os casos do Malawi, Zâmbia, Zimbabwe e Tanzânia. A variedade de referência na presente pesquisa é o Cinyanja (N31a), falado na Província de Tete (Moçambique).

QUADRO TEÓRICO

A pesquisa assenta nos pressupostos da teoria de princípios e parâmetros (CHOMSKY 1981) e em obras posteriores (CHOMSKY, 1986a, 1986b). Nesta teoria, tal como aponta Raposo (1992, p. 54-55), concebe-se a Gramática Universal (GU) como sendo constituída por dois tipos de princípios, nomeadamente: princípios rígidos, invariáveis e que qualquer gramática final terá de incorporar, e um sistema de princípios abertos (os parâmetros), cujo valor final e definitivo apenas é atingido durante o processo de aquisição, através da sua fixação numa de duas posições possíveis com base na informação obtida a partir do meio ambiente. Ou seja, a teoria de Princípios e Parâmetros descreve os princípios que seriam universais e parâmetros, desses princípios, que seriam variáveis nas línguas particulares. Assim, tal como argumenta Borer (1984), a parametrização é concebida como decorrente de um conjunto de traços seleccionados pelas gramáticas particulares e a sua associação a determinados itens lexicais.

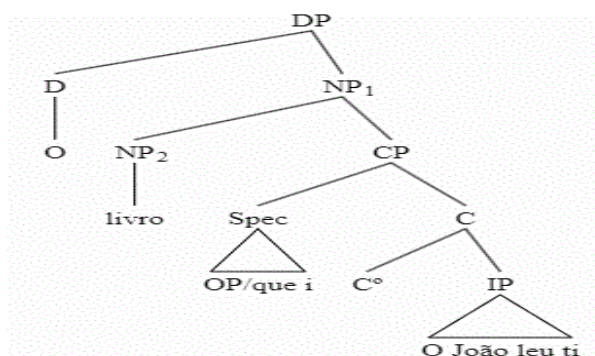
A estrutura da frase que assumimos nesta análise é a versão da teoria X-barra (CHOMSKY, 1989; GRIMSHAW, 1991, ADGER e SMITH, 2005), em que os itens funcionais, para além dos itens lexicais, são os núcleos das projeções máximas. Este tipo de estrutura está associado à hipótese de movimento de núcleo (TRAVIS, 1984), que une o verbo e as suas flexões em I ou move para C. Um segundo movimento relevante para esta análise é o das categorias máximas para Spec. Ainda, de acordo com a hipótese de sujeito interno do VP (KITAGAWA 1986, SPORTICHE 1988, KOOPMAN & SPORTICHE 1991, CHOMSKY 1989), a concordância sujeito-verbo surge através da concordância Spec-núcleo quando o sujeito se move da sua posição de base (de Spec-VP) para Spec-TP.

As nossas análises seguem, assim, o modelo teórico clássico, de núcleo externo, (CHOMSKY, 1977), segundo o qual a relativização envolve um processo de adjunção, em que o DP/NP antecedente é externo a CP. Em síntese, com base nesse modelo: (i) orações relativas são descritas como CPs adjungidos a DP/NP; (ii) no domínio de CP da relativa, um elemento *wh*- ou um Operador Nulo (OP) é deslocado da sua posição argumental para Spec-CP e (iii) na forma lógica (FL), uma regra de predicação estabelece a indexação entre a expressão nominal relativizada e o elemento *wh* ou OP. O movimento-*wh* cria uma relação Operador-variável. Ou seja, o movimento vai permitir a interpretação da oração como predicado.

A estrutura da oração relativa gerada com base nessas operações é a que se apresenta em (7) e 8, respectivamente.

(7) O livro que o João leu.

(8) Estrutura da oração relativa (7) à luz do modelo de núcleo externo:



Como se pode constatar, na estrutura acima, o pronome relativo (*que*) sofreu um movimento da posição interna, no domínio do sintagma flexional (IP), para Spec-CP e o antecedente da oração (*o livro*) é externo ao Sintagma Complementador (CP).

METODOLOGIA

Metodologicamente, o estudo resulta de uma combinação entre o método introspectivo (cf. CASTELEIRO, 1981 p.5) e o teste de julgamento do informante (cf. DUARTE, 2014).

Com base na introspecção, usando o conhecimento do investigador como falante nativo da língua em estudo, foram elaboradas as frases que pretendíamos submeter aos informantes.

A seguir, estas frases foram submetidas a testes de julgamento do informante. Os nossos informantes foram 20 indivíduos que são falantes nativos e, ao mesmo tempo, professores da língua Nyanja nas Sedes dos Distritos de Angónia (Ulongwe) e Macanga (Furankungu), na província de Tete.

A tarefa de juízo de gramaticalidade permite aceder, com maior fidelidade, ao conhecimento intuitivo dos falantes (cf. DUARTE, 2014). Este paradigma experimental, conhecido como teste de julgamento de aceitabilidade (cf. DERWING e DE ALMEIDA, 2005; SCHÜTZE & SPROUSE, 2012) constitui um método *off-line* de pesquisa sobre o processamento da língua a partir de dados obtidos pós-processamento (cf. FIELD, 2004; GERNSBACHER, 1994; LEITÃO, 2008) aplicados aos estudos sobre gramaticalização. Assim, o teste de julgamento de aceitabilidade/gramaticalidade pelo falante nativo da língua afigura-se como uma ferramenta bem-estabelecida de pesquisa linguística, pois os linguistas há muito se basearam na comparação de aceitabilidade entre duas ou mais formas de linguagem minimamente diferentes (CHOMSKY, 1965; SCHUTZE, 1996; MARANTZ, 2005; SPROUSE; ALMEIDA, 2010).

A modalidade inicial e básica, de apresentação das frases (orações relativas) aos informantes foi oral. As sentenças estavam subcategorizadas segundo o tipo (Hierarquia de Acessibilidade). Em cada um dos tipos de oração relativa elaborada, eram, inicialmente, colocadas várias alternativas conforme as estratégias de relativização e morfemas relativos possíveis na língua. Os factores como vocabulário (simples), os contextos de construção, a semântica das frases e o paralelismo das construções foram tomados em conta na construção inicial das frases. Todos os informantes foram, previamente, informados sobre o objectivo daquele exercício e concordaram em participar.

A apresentação dos estímulos (frases) era feita oralmente, com voz normal, respeitando as tonalidades das sílabas e do tipo de oração. A cada informante era apresentada uma frase de cada tipo e estratégia de relativização. O sistema foi de apresentação e debate em torno de cada frase. Após a apresentação da frase solicitava-se ao informante para dizer se fazia sentido ou não. Caso não fizesse sentido, era-lhe solicitado a explicar o motivo. A seguir, eram discutidas, com o informante, outras alternativas de frases que considerasse adequadas para aquele contexto ou tipo de construção. No final, e já assinaladas as frases consideradas com sentido, era reservado um tempo para discutir com o informante sobre a ortografia apresentada nas mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Síntese das estratégias de relativização em Cinyanja

Existem duas estratégias básicas de formação de orações relativas em Cinyanja, nomeadamente: a estratégia de marcador relativo segmental e a estratégia de marcador relativo suprasegmental (tom alto no prefixo inicial da forma verbal da oração relativa).

A estratégia de marcador relativo segmental consiste no uso do morfema *-mene* que segue imediatamente o antecedente e é acompanhado, como prefixo, por uma marca de classe que com ele concorda (cf. 9a). O marcador relativo pode coocorrer com o morfema *-o* (sufixo relativo) afixado à última palavra da oração relativa, por vezes interpretado como um elemento enfático (cf. 9b e 9c).

(9) Estratégia segmental

- a. Nthoci imene joni wánagula yagwa
(nthoci [imene joni wá-na-gul-a]) (yagwa)
9banana 1OBJ-REL 1João 1SUBJ-PST-comprar –VF 9OBJ-cair
‘A banana que o Pedro comprou caiu’
- b. Nthoci imene joni wánagulayo yagwa
(nthoci [imene joni wá -na -gul -a - yo]) (yagwa)
9banana 1OBJ-REL 1João 1SUBJ-PST-comprar-VF –SR 9OBJ-cair
‘A banana que o Pedro comprou caiu’
- c. Mwana m’mene joni wánamugulila nthociyo wathawa
(mwana [m’mene joni wá -na -mu -gul -il -a nthoci -yo])
1pessoa 1REL 1João SUJ -PST -1OBJ -comprar- -APPL –VF 9banana-SREL
(wathawa)
SUJ-fugir
‘A acriança a quem o João comprou a banana fugiu’.

Em Cinyanja, tal como acontece em Chichewa (ver MCHOMBO, 2004; DOWNING e MTENJE, 2011), a presença do marcador relativo *-mene* tem como efeito fonológico a marcação do verbo e os outros elementos que estiverem dentro da oração relativa com tom alto. Assim, na estratégia não segmental/suprasegmental (tonal), o uso do tom alto no prefixo (inicial) de concordância com o sujeito ou com a negação licencia a omissão dos marcadores relativos segmentais. Este facto faz com que o tom (alto) seja uma estratégia de relativização em Cinyanja (cf. 10a). Contudo, em contextos de relativização de objecto com sujeito realizado foneticamente na estrutura, há uma inversão da ordem SV para a ordem VS (cf. 10b). O tom alto pode também ser combinado com o morfema *-o* (cf. 10c).

(10) Estratégia não segmental/suprasegmental

- a. Mwana wánagula nthoci wathawa
(mwana) ([wá -na -gul -a nthoci]) (wathawa)
1pessoa SUJ.REL -PST -compar -VF 9banana SUJ-fugir
‘A criança que tinha comprado a banana fugiu’.

Nthoci wánayigula joni yagwa

- b. (nthoci) ([wá-na-yi-gul-a joni]) (ya-gwa)
 9banana 1SUJ.REL-PST-OBJ-comprar-VF 1joão 9OBJ-cair
 'A banana que o João tinha comprado caiu'.

Nthoci wánagula joniyo yagwa

- c. (nthoci) ([wá-na-gul -a Joni-yo]) (ya-gwa)
 9banana 1SUJ.REL-PST-comprar-VF 1joão-SREL 9OBJ-cair
 'A banana que o João tinha comprado caiu'

Proposta de análise das orações relativas não segmentais/suprasegmentais em Cinyanja

Como temos vindo a referir, o facto de o prefixo inicial do verbo da oração relativa ser marcado por um tom alto licencia a supressão do(s) marcador(es) relativo(s) segmental(is) em Cinyanja. Contudo, a supressão dos marcadores relativos segmentais faz com que haja restrições e/ou mudança de estrutura da oração relativa. Em particular, nas orações relativas de objecto em Cinyanja, de modo diferente do que acontece em Chichewa (ver NCHOMBO, 2004), há a inversão obrigatória de sujeito. Veja-se mais um exemplo em (11) que ilustra este fenómeno.

(11) Inversão de sujeito nas orações relativas não segmentais de objecto

Pamalo ámphela mbuzi abambo

Pamalo á-ph-el-a mbuzi abambo

LOC.lugar 1SUBJ.PST-matar-APPL-VF 9cabrito 1pai

LIT: 'o lugar onde matou o cabrito o pai'

INT: 'o lugar onde o pai matou o cabrito'

Na introdução, vimos que Demuth e Harford (1999) e Zeller (2004) propõem que a inversão do sujeito nas orações relativas de algumas línguas Bantu resulta do movimento do verbo de I para C, deixando o sujeito em Spec-IP. As autoras observam que, em muitos casos, a inversão do sujeito é obrigatória sempre que o marcador relativo em C é uma forma clítica, morfologicamente dependente, que carece de suporte morfológico, razão pela qual o verbo se eleva para C. Neste contexto, até aqui, é de considerar a hipótese de inversão de sujeito nas relativas não segmentais do Cinyanja ser derivada do mesmo modo.

A hipótese de a inversão do sujeito ser derivada do movimento do verbo de T para C nas relativas tonais prevê que a ordem de palavras que se obtém seja (ou pelo menos possa ser) a ordem VSO. Porém, a ordem VSO não é uma possibilidade em orações relativas como a exemplificada em (11). Neste tipo de orações relativas, apenas a ordem VOS é atestada. De facto, em orações relativas tonais do Cinyanja, a ordem VSO só é admitida quando o objecto coocorre com um morfema que com ele concorda no complexo verbal (cf. 12); sempre que o morfema de objecto não estiver presente, apenas a ordem VOS é possível, tal como se apresenta a seguir.

(12) Estrutura VSO

Pamalo áyiphela abambo mbuzi

Pamalo á-yi-ph-el-a abambo mbuzi

LOC.lugar 1SUBJ-OBJ-matar-APPL-VF 1pai 9cabrito

'o lugar onde matou o pai o cabrito'

Curiosamente, este é o padrão atestado em frases simples, sem relativização, em Cinyanja. A ordem básica de palavras numa frase simples em Cinyanja é SVO. Enquanto SVO é a ordem canónica, outras ordens, influenciadas por factores pragmáticos, são possíveis. A variação da ordem de palavras na frase simples em Cinyanja depende da presença ou ausência do marcador de objecto (OBJ) na estrutura do verbo. Sem este marcador na flexão verbal, apenas duas ordens são possíveis, nomeadamente: SVO e VOS, tal como ilustram os exemplos em (13).

(13)

- Abambo anapha mbuzi
- a. abambo a -na -ph -a mbuzi (SVO)
 1papa SUBJ -PST -matar -VF 9cabrito
 'O papá matou o cabrito.'
- Anapha mbuzi abambo
- b. a -na -ph -a mbuzi abambo (VOS)
 SUBJ -PST -matar -VF 9cabrito 1papa
 LIT: 'matou o cabrito o papa.'
- Anapha abambo mbuzi
- c. ?a- -na -ph -a abambo mbuzi (VSO)
 SUBJ- -PST -matar -VF 1papa 9cabrito
 LIT: 'matou o papá o cabrito.'

Os exemplos acima sugerem que, quando o morfema de OBJ está ausente na estrutura do verbo, o objecto deve seguir o verbo imediatamente, pelo que somente as duas ordens, nomeadamente SVO e VOS, 13a e 13b, respectivamente, são possíveis. O contrário gera formas estranhas na língua, tal como acontece em (13c).

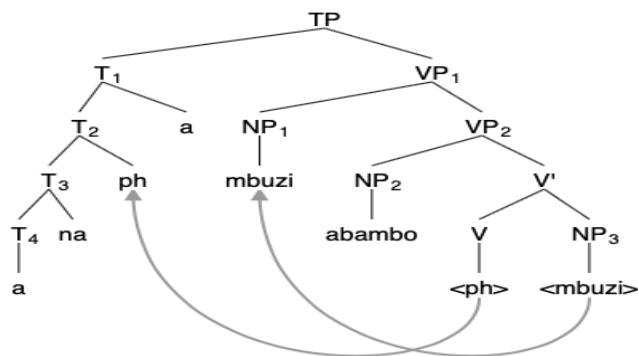
Por outro lado, quando o morfema de OBJ está presente na estrutura da forma verbal, todas as permutações dos três elementos (SVO) são logicamente possíveis. Os exemplos a seguir mostram que, com a presença do morfema de OBJ na forma verbal, as três ordens experimentadas em (13) são possíveis.

- Abambo anayipha mbuzi
- (14) abambo a -na -yi -ph -a mbuzi (SVO)
 1papa SUBJ- PST- 9OBJ -matar -VF 9cabrito
 'O papá matou o cabrito'
- Anayipha mbuzi abambo
- (15) a- -na -yi -ph -a mbuzi abambo (VOS)
 SUBJ- PST- 9OBJ -matar -VF 9cabrito 1papa
 'o papa matou o cabrito'
- Anayipha abambo mbuzi
- (16) a- -na -yi -ph -a abambo mbuzi (VSO)
 SUBJ- -PST -9OBJ -matar -VF 1papa 9cabrito
 'o papá matou o cabrito'

Em face destes factos, parece evidente que, no que respeita à gama de posições disponíveis para o sujeito pós-verbal, as orações relativas não diferem das frases simples. Esta observação é um obstáculo sério à ideia de que a inversão de sujeito em orações relativas resulta da subida do verbo de T para C, estando o sujeito em Spec-TP. Por conseguinte, concluímos que não existem argumentos para a subida do verbo de T para C nas relativas não segmentais.

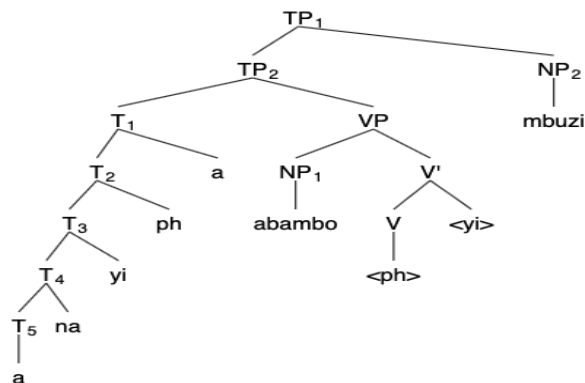
Assumimos aqui que, em frases simples, a ordem VOS, na esteira do que foi já proposto para as línguas românicas por Zubizarreta (1997) e Costa (1998) é derivada do movimento de *scrambling* do objecto para uma posição de adjunção a VP (cf. COSTA, 1998 para o português) sendo que o verbo está em T. A estrutura atribuída ao exemplo (13b) é a representada em (17).

(17) Representação de (13b: Anapha mbuzi abambo)



A ordem VSO, como referimos anteriormente, só é possível quando houver um clítico no complexo verbal, o que faz com que o objecto seja um adjunto (i.e. um elemento deslocado). Isso equivale dizer que, na ordem VSO, o objecto está numa configuração de *clitic doubling* (sendo que o morfema OBJ é uma forma clítica incorporada no complexo verbal). A representação sintática do exemplo (16) é a indicada em (18), em que o NP *mbuzi*, está numa posição de deslocamento à direita de TP.

(18) Representação de (16: anayipha abambo mbuzi)



Como se viu nos dois casos, quer na ordem VOS quer na ordem VSO o sujeito está em Spec-VP e o verbo está em T.

Regressando às orações relativas não segmentais/suprasegmentais, assumimos que há movimento de um Operador Nulo para Spec-CP. Na esteira da proposta de Demuth e Harford (1999) para as línguas com morfemas relativos clíticos, adoptamos a ideia de que, nesta situação, C necessita de suporte morfológico. Contudo, esse suporte não é dado por movimento de T para C (como defendido pelas autoras para essas línguas), mas sim pela operação de Merger morfológico (HALLE e MARANTZ, 1993), que tem lugar no nível pós-sintático da gramática.

Esta operação foi proposta no quadro do modelo da Morfologia Distribuída (MD) (ver EMBICK e NOYER, 2007). Neste modelo, os nós terminais da derivação sintática (Morfemas)

são feixes de traços abstractos relevantes apenas para a sintaxe, sem informação fonológica ou morfológica. É só no momento de *Spell Out* que são inseridos os expoentes fonológicos de cada morfema, consoante os itens do vocabulário da língua. Este processo toma a designação de *Inserção Vocabular*.

No momento da *Inserção Vocabular*, a estrutura hierárquica gerada pela sintaxe é linearizada e há um pequeno conjunto de operações que podem alterar a ordem dos morfemas gerada pela sintaxe. Uma destas operações é a de Deslocação Local (DL), que consiste na afixação de um nó terminal a outro que com ele estabeleça a relação de adjacência. O processo de fusão morfológica por Deslocação Local aplica-se sobre estruturas já linearizadas (i.e., após a linearização) e substitui uma relação de adjacência por uma relação hierárquica como indicado em (19).

$$(19) \quad X*Y \rightarrow [[Y] X] \quad (* \text{ indica a relação de adjacência})$$

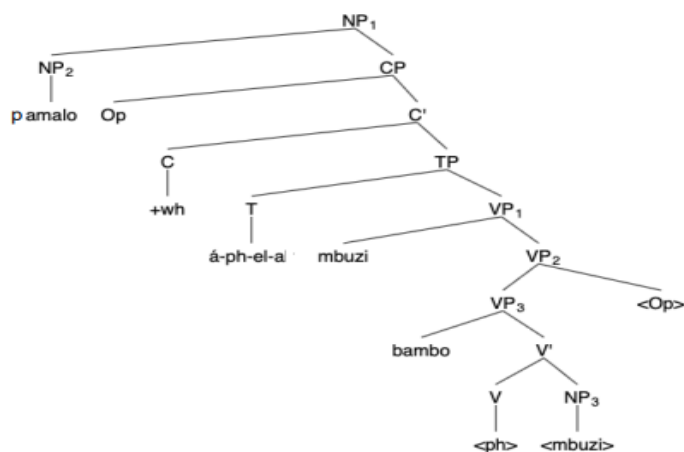
Aplicando esta operação à derivação das orações relativas tonais do Cinyanja, a fusão morfológica dos nós terminais C e T só pode ter lugar na condição de os dois nós terminais manterem entre si uma relação de adjacência. Por consequência, o sujeito não pode intervir entre C e T, pelo que não pode ocupar a posição de Spec-TP e deve permanecer in situ, em Spec-VP. Daí a inversão obrigatória do sujeito neste tipo de oração relativa.

Nesta linha, começaremos por apresentar a proposta de análise das relativas tonais sem objecto incorporado (o exemplo (11) anteriormente apresentado). Conforme assumimos acima, por ser uma oração relativa não segmental/suprasegmental/tonal de objecto, o constituinte-wh é um operador nulo que se move para Spec-CP, onde verifica o traço +wh de C. O verbo desloca-se de V para T. O sujeito ocupa a posição de Spec-vP e o objecto move-se por movimento de Scrambling para a esquerda de VP. Na representação em (20), assinalamos as posições de base dos constituintes movidos entre $\langle \rangle$.

(20)a. (VOS: Pamalo áphela mbuzi abambo)

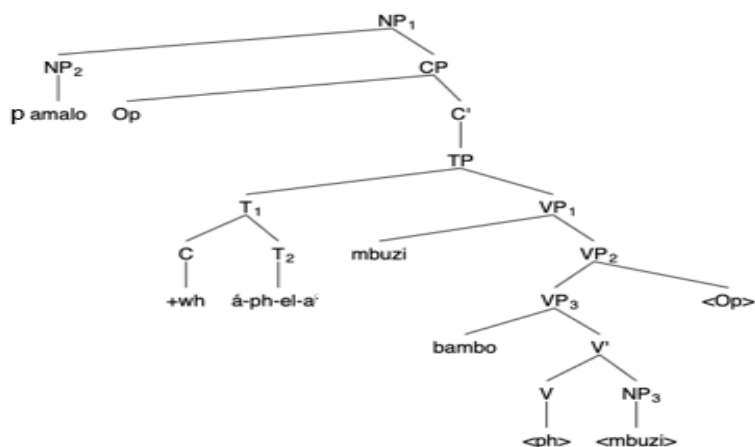
pamalo á-ph-el-a mbuzi abambo
 LOC.lugar 1SUBJ.PST-matar-APPL-VF 9cabrito 1pai
 'o lugar onde matou o cabrito o pai'

b. Representação



Nesta estrutura, C+wh e T estão adjacentes, estando assim reunidas as condições para a operação de *Merger* morfológico, de que resulta a configuração em (21).

(21) Pamalo áphela mbuzi abambo

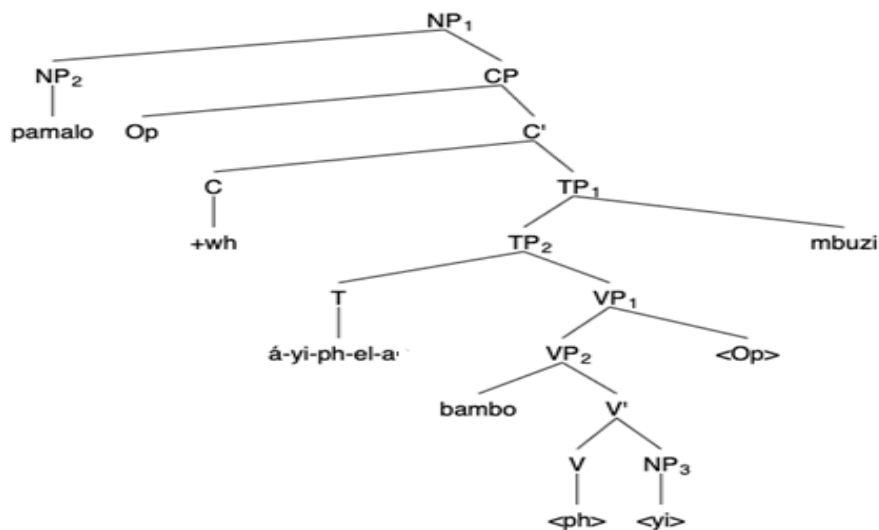


As orações relativas tonais com objecto incorporado são analisadas de modo semelhante, distinguindo-se pelo facto do objecto lexical estar numa posição de deslocado à direita, sendo redobrado pelo clítico objecto incorporado na Flexão, tal como descrito nas frases simples com a ordem VSO. O exemplo (16), aqui repetido em (22a), é representado em (22b).

(22)a. (VSO: Pamalo áyiphela abambo mbuzi)

pamalo á-yi-ph-el-a abambo mbuzi
 LOC.lugar 1SUBJ-OBJ-matar-APPL-VF 1pai 9cabrito
 'o lugar onde matou o papa o cabrito'

b. Representação



A inversão do sujeito verifica-se também na presença do marcador relativo -o, como se exemplificado em (23).

- Nthoci wánagula Joniyo yagwa
- (23) (nthoci) ([wá-na-gul -a Joni-yo]) (ya-gwa)
- 9banana 1SUJ.REL-PST-comprar-VF 1João-SREL 9OBJ-cair
- ‘A banana que o João tinha comprado caiu’.

A única diferença entre (22) e (23) está na presença do sufixo de concordância relativa, numa posição de adjunção à direita de CP. Com efeito, em (22), foi incorporado o morfema de concordância com NP extraído -yi-, que está ausente na frase (23).

CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objecto de estudo a sintaxe das orações relativas não segmentais em Cinyanja (N31), segundo a classificação de Guthrie (1967-71), centrando-se numa das estratégias de relativização desta língua que resulta na inversão do sujeito.

A mesma foi conduzida segundo pressupostos teóricos da teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, e em obras posteriores: CHOMSKY, 1986a, 1986b). O modelo adoptado para a análise das orações relativas foi o modelo clássico (de núcleo externo), segundo o qual a relativização encerra um processo de adjunção.

A discussão feita permitem-nos concluir que as orações relativas formadas através da estratégia não segmental/suprasegmental (tom alto no prefixo inicial do verbo da oração relativa), pelo facto de apresentarem características e restrições internas diferentes das orações relativas segmentais, são analisadas como estruturas em que C+wh tem um estatuto idêntico ao dos marcadores relativos clíticos que aparecem incorporados na estrutura do complexo verbal em outras línguas Bantu (DEMUTH e HARFORD, 1999). A nossa hipótese é que, como o marcador relativo é um elemento sem matriz fonológica, deve afixar-se a T. Contra Demuth e Harford (1999), defendemos que este processo não se dá por movimento de T para C, já que não há qualquer indicação de que T sobe para C em Cinyanja. Propusemos que a afixação de C a T se dá no nível pós-sintático da gramática, por *Morphological Merger*, sob adjacência. Por conseguinte, Spec-TP não deve ser ocupado por um DP que interfira com a adjacência entre C e T na Forma Fonética. Deste modo, o sujeito permanece *in situ*, em Spec-vP, obtendo-se os mesmos padrões de ordem de palavras encontrados, de forma independente, em frases simples com sujeito em posição pós-verbal, nomeadamente os padrões VOS ou VSO, dependendo da incorporação ou não incorporação do objecto.

Interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- ADGER, D. e SMITH, J. Variation and the minimalist program. In L. CORNIPS & K. P. CORRIGAN (Eds.), **Syntax and Variation: Reconciling the Biological and the social**. Amsterdam: John Benjamins, 2005, pp 149–178.
- ASHTON, E.O., *et al* **A Luganda Grammar**. London: Longmans, Green and Co., 1954.
- ASHTON, E.O. **Swahili Grammar (including Intonation)**. London: Longmans, 1959.
- BAKER, M. **Agreement, Dislocation, and Partial Configurationality**. Rutgers University, 2003.
- BAKER, M. On the relationship of object agreement and accusative case: evidence from Amharic. **Linguistic Inquiry**, v.43, n.2, 2012, pp.255-274.
- BAKER, M. e KRAMER, R. **Doubling Clitics are Pronouns: Agree, Move, Reduce, and Interpret**. Rutgers University and Georgetown University, 2015.
- BARBOSA, P. On inversion in Wh-questions in romance. In Hulk, A. & Pollock, J.-Y. (orgs.). **Romance Inversion**. New York: Oxford Press, 2001.
- BIRD, C. S. Relative clauses in Bambara. In. **The journal of west African languages**. V1, (s/d).
- BOKAMBA, E. **Question Formation in Some Bantu Languages**. Tese (doutoramento em?) – Indiana University, Bloomington, 1976.
- BORER, H. **Parametric syntax**. Dordrecht, Holland: Foris Publications, 1984a.
- Borer, H. **Restrictive relatives in Modern Hebrew**. *Natural Language and Linguistic Theory* 2, 1984b, pp.219-260.
- BRESNAN, J. e MCHOMBO, S. Topic, pronoun, and agreement in Chichewa. **Language**, v.63, pp.741-782, 1984b, 1987.
- Bresnan, J. Locative inversion and the architecture of Universal Grammar. **Language**, v.70, pp.72-131, 1994.
- BRITO, A. M. B. Relativas de Genitivo no Português Europeu e no Português de Moçambique. In. **Atas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2000**, pp. 35-46.
- CARLSON, G. Amount Relatives. In **Language**, v.53, 520-542, 1977.
- CARSTENS, V. Agree and EPP in Bantu. In. **Natural Language and Linguistic Theory**. V.23, n.2, pp.219–279, 2005.
- CASTELEIRO, J.M. **Sintaxe Transformacional do Adjectivo - Regência de Construções Completivas**. INIC, Lisboa, 1981.
- CHENG, L. e DOWNING, L. J. **The Prosody and syntax of Zulu Relative Clauses**. In *SOAS Working in Linguistics*, V,15, pp.51-63, 2007.
- CHENG, l. e KULA, N. C. **Syntactic and Phonological Phrasing in Bemba Relatives**. In *ZAS Papers in Linguistic*, 4v. n.3, pp.31-54, 2006.

- CHIMBUTANE, F. Estratégia de Pronome Resumptivo na Formação de orações relativas de OD e OBL no Português de Moçambique. In **Atas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa, APL, 1995, pp. 225-248.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *On wh-Movement*. In: CULICOVER, P. *et al.* **Formal Syntax**. New York: Academic Press, 71-132, 1977.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, Mass, 1995.
- CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In ROBERT, M., DAVID, M. e JUAN, U. S. **Essays in Minimalist Syntax**. Cambridge: MIT Press, pp.89–155, 2000.
- COMRIE, B. **Language Universals and Linguistics Tipology**. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1981.
- COSTA, J. **Word order variation. A constraint-based approach**. The Hague: Holland Academic Graphics, 1998.
- CREISSELS, D. **Aperçu sur les structures phonologiques des langues negro-africaines**. 2ª ed., Grenoble: ELLUG, Université Stendhal, 1994.
- DEMUTH, K. e HARFORD, C. Verb raising and subject inversion in Bantu relative clauses. **Journal of African languages and linguistics**, 1999.
- DERWING, B. L. e DE ALMEIDA, R. G. Métodos Experimentais em Linguística. In MAIA, N. e FINGER, I. (Eds). **Processamento da Linguagem**. Educat, Pelotas, pp. 401-442, 2005.
- DIERCKS, M. **Object Agreement in Swahili and the Interpretation of Objects**. Georgetown: University, 2006.
- DOWNING, L. J. MTENJE, Al. Prosodic phrasing of Chichewa relative clauses. In **Journal african languages and linguistics**, DOI: 10.1515/jall.2011.003, 2011.
- DUARTE, F. B. **Casos, Função Sintática e Papéis Temáticos**. UFMG, Brasil, 2014.
- EMBICK, D. e NOYER, R. **Distributed Morphology and the Syntax-Morphology Interface: The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- ERMISCH, S. **Relative Constructions in African Languages**. Research Unit1783, 2010. On line Disponível na internet via http://web.uni-rankfurt.de/tb10/zimmermnn/HP_fg-RelS/info_typ.htm. Acesso no dia 20 de outubro de 2019.
- FIELD, J. **Psycholinguistics: The Key Concepts**. London: Routledge, 2004.
- GERNSBACHER, M. A. (Ed.). **Handbook of psycholinguistics**. Academic Press, 1994.
- GIVÓN, T. Pronoun attraction and subject postposing in Bantu. in PERANTEAU, P. M., J. N. e LEVI Phares. **The Chicago Which Hunt: Papers from the Relative Clause Festival**. Chicago Linguistic Society, The University of Chicago, 190-97, 1972.
- GRIMSHAW, J. **Argument Structure**. Cambridge: MA, MIT Press, 1990.
- GRIMSHAW, J. Projection, Heads and Optimality. **Linguistic Inquiry**, v.28, pp.373-422, 1997.

GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Farnborough Heights: Gregg International Publishers, 1967-71.

HALLE, M., e A. MARANTZ, A. **Distributed Morphology and the Pieces of Inflection**. in HALLE, K. e KEYSER, S., eds., **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: MIT Press, MA, pp.111–176, 1993.

HARFORD, C. e DEMUTH, K. Prosody outranks syntax; no optimality to subject inversion in Bantu Relatives. **Journal of African languages and linguistics**, 1999.

HENDERSON, B. **The syntax and typology of Bantu relative clauses**. PhD (dissertation in?) – University of Illinois at Urbana-Champaign, 2006.

HENDERSON, B. **The Syntax of Agreement in Bantu Relatives**. In HORT, F. *et al.* (vol. Eds) and Wechsler, S. **Morphosyntax of Underrepresented Languages**. Texas Linguistic Society, 2007.

HENDERSON, B. Agreement, locality and OVS in Bantu. **Língua**, v.121, pp. 742-753, 2011.

KEENAN, E. L. e COMRIE, B. **Noun phrase accessibility and Universal Grammar**. **Linguistic Inquiry**, v.8, pp.63-99, 1977.

KUTEVA, T.A. e COMRIE, B. The typology of relative clause formation in African languages. In Voeltz, F.K. E. **Studies in African Linguistic Typology**. Amsterdam: John Benjamins, 209–228, 2006.

LEITÃO, M. Psicolinguística Experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: Martelotta, M. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARANTZ, A. Implications of asymmetries in double object constructions. In MCHOMBO, S. A. ed. **Theoretical Aspects of Bantu Grammar**. V 1. Stanford, CA: CSLI, pp.113-151, 1993.

MARTEN, L. Locative inversion in Otjiherero: More on morpho-syntactic variation in Bantu. **ZAS Papers in Linguistics**, v.43, pp.97-122, 2006.

MCHOMBO, S. **The Syntax of Chichewa**. New York: Cambridge University press, 2004.

MTENJE, Al. **On Relative Clauses and Prosodic Phrasing in Ciwandia**. In ZAS Papers in Linguistics, v.55, pp.121-139, 2011.

MÓIA, T. A sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso no Português. In: **Quatro Estudos em Sintaxe do Português**. Lisboa, Edições Colibri, 1996.

MUTAKA, N., TAMANJI, M. **An introduction to African linguistics**. **Lincom handbooks in linguistics**, n.16, Lincom Europa, 2000.

MYERS, S. **Tone and the structure of words in Shona**. Tese (Doutoramento) – University of Massachusetts, Amherst, 1987.

MYERS, S. The Phonological Word in Shona. in Katamba, F. (ed.). **Bantu Phonology and Morphology**. Lincom Studies in African Linguistics 06, Lincom Europa, München Newcastle, 1995.

NDOMBA, R. **Deriving objectrelatives in Swahili determiner frases**. Department of literature and languages, Dar-es-Salaam University-College of education, Dar-es-Salaam, 2020.

NGUNGA, A. e FAQUIR, O. **Relatório do III Seminário de Padronização de Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: CEA- Universidade Eduardo Mondlane, 2011.

PAK, M. **Relative Clauses Without CPs in Luganda**. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2007.

SCHÜTZE, C. T. e SPROUSE, J. **Research Methods in Linguistics: Chapter 3- Judgment Data**. University of Calofornia, Los Angls, 2012.

RIZZI, L. **Relativized Minimality**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

RIZZI, L. **The Fine Structure of the Left Periphery**. In **Elements of Grammar: Handbook in Generative Syntax**, ed. Liliane Haegman. Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic Publisherss, 1997. pp 281-337.

ZELLER, J. **Relative Clauses Formation in de Bantu Languages of South Africa**. In **Southern African Linguistics and Applid Language Studies**, v.22, pp.75-93, 2004.